

# **CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DE ESTAÇÕES ARQUEOHISTÓRICAS EM CABO VERDE**

## **OS CONCHEIROS DE SALAMANZA E JOÃO D'ÉVORA ILHA DE S. VICENTE**

M. Conceição Rodrigues \*

### **ABSTRACT**

With this work we present the results of the first phase of the archaeological excavation that took place on the shell middem discovered in 1913 by O. G. S. Crawford, in the Salamanca Bay - St. Vincent Island, Cape Verde. In the second part of this work we present the study of the materials collected by this Archaeologist in the shell middems of João d'Évora Bay. The prospecting and collection of the sherds were only carried out in 1998 and it followed a visit to the shell middem four years ago. The archaeological excavation was conducted due to the decision of the Ministry of Culture of this African country to find out the shell middems' scientific importance.

### **PARTE I - O CONCHEIRO DE SALAMANZA I**

#### **- PREÂMBULO**

O trabalho agora apresentado é o resultado de uma leitura arqueo-histórica de actividades desenvolvidas em duas fases distintas. A primeira parte tem por base o trabalho de campo desenvolvido no ano de 1998 e a segunda centra-se no estudo posteriormente efectuado dos materiais arqueológicos recolhidos aquando da descoberta dos concheiros na ilha de S. Vicente - Cabo Verde em 1913, que foram estudados monograficamente.

A primeira fase dos trabalhos surge por decisão do Governo de Cabo Verde e teve lugar na baía de Salamanca. O centro de interesse dos trabalhos de intervenção arqueológica foi um concheiro a que demos o nome da baía onde este se localiza, Concheiro de Salamanca, o qual havia sido revisitado há cerca de quatro anos por elementos ligados ao Centro de Actividades Subaquáticas (CPAS), muito embora sua descoberta tivesse sido em 1913.

A decisão da realização dos trabalhos de campo neste concheiro coube ao responsável pela Cultura daquele país africano, Arquitecto António Delgado, que o considerou de grande interesse e também porque pela primeira vez um concheiro era estudado em Cabo Verde. O objectivo

\* Investigadora do IICT.

era esclarecer a sua dimensão e valia. Nesse propósito, foi constituída uma equipa com elementos do CPAS, da Universidade Nova de Lisboa e do IICT, cujos trabalhos tiveram início no dia 26 de Março de 1998 e desenvolveram-se por um período de cerca de duas semanas.

## 2 - INTRODUÇÃO

A descoberta dos concheiros da ilha de São Vicente em 1913, foi feita por um cidadão inglês e ainda hoje não sabemos por que razão o achado ficou esquecido.

Este dado, porém, fazia parte há já alguns anos dos registos da autora, nomeadamente desde os finais dos anos 70, pois na sua qualidade de especialista em Pré-História e Arqueologia africana dispõe de registos das diferentes estações ou locais de interesse arqueológico, nomeadamente os relativos às ex-colónias, obtidos em diferentes museus e instituições nacionais e estrangeiras que tem visitado. Estes elementos permitiram, após ter sido solicitada a sua colaboração para trabalhar naquele local e antes mesmo do início dos trabalhos, ter já a confirmação da existência de concheiros precisamente na ilha de S. Vicente, bem como a informação do nome do seu descobridor e data da descoberta, permitindo estabelecer contactos, bem como obter informações sobre o espólio então recolhido.

Com esta intervenção arqueológica efectuada em Cabo Verde, pretendeu-se, entre outros aspectos, valorizar, salvaguardar e preservar a parte possível daquele património e integrar os resultados no âmbito da História de Cabo Verde, que está a ser construída, como é do conhecimento geral, por investigadores portugueses e cabo-verdianos com o apoio de instituições dos dois países.

## 3- AMBIENTE GEOGRÁFICO

Geograficamente, o arquipélago de Cabo Verde fica na zona de separação das águas frias da corrente das Canárias e das águas meridionais, como refere Ilídio do Amaral <sup>1</sup>. Duas estações caracterizam o clima das ilhas: «tempo das brisas» ou estação seca (de Dezembro a Junho) e «tempo das águas» ou estação das chuvas (de Agosto a Outubro). As chuvas são muito irregulares e frequentemente os valores de pluviosidade são muito reduzidos ou quase nulos.

O clima deste arquipélago é oceânico e temperado, embora muito seco.

A ilha de São Vicente onde o nosso trabalho se desenvolveu situa-se no Grupo Ocidental das ilhas do Barlavento (Fig. 1), sendo esta ilha de uma aridez impressionante. Tem uma superfície aproximada de 227 quilómetros quadrados e uma altitude máxima de 725 metros. O ponto mais alto da ilha situa-se no Monte Verde, do qual se desfruta um panorama de uma beleza misteriosa.

## 4 - ASPECTO GEOLÓGICO

A ilha de S. Vicente é árida e o solo de natureza eólica está sob a influência das areias saarianas. O seu aspecto é, segundo António Serralheiro <sup>2</sup>, um grande vulcão misto desmantelado. A morfologia dominante corresponde à da grande caldeira, parcialmente invadida pelo mar, na qual se situa o porto da ilha (chamado Porto Grande) e sobrepujada pelos relevos da bordeira.

A caldeira parece ter uma dimensão exagerada em relação ao cone do vulcão, mas, como refere A. Serralheiro, tal facto deve-se ao recuo da bordeira que, embora retalhada pelos vales, conserva a forma circular.

Este aspecto está bem patente na carta, considerada dos finais do século XVIII, atribuída a

<sup>1</sup> *História Geral de Cabo Verde*, vol. I, 1991.

<sup>2</sup> *Contribuição para o conhecimento Geológico da ilha de S. Vicente - Cabo Verde*, 1966. O reconhecimento geológico (parcial) da ilha de S. Vicente a que tivemos acesso, foi o realizado, em 1963, pelo investigador António Serralheiro, sob o patrocínio da JIU.

António C. Andreis (existente na Biblioteca Municipal do Porto) (Fig. 2).

## 5 - LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO

O Concheiro de Salamanca situa-se na face norte da ilha de São Vicente e na baía que lhe deu o nome e localiza-se a cerca de 11 Km do centro da cidade do Mindelo. Aproximadamente a um quilómetro e para Oeste do concheiro, localiza-se a aldeia piscatória com o mesmo nome.

Coordenadas aproximadas: 24° 56' 40" longitude oeste - 16° 54' 20" latitude norte, carta 1:75.000 da Comissão de Cartografia de 1932 (Fig. 3).

## 6 - O PASSADO HISTÓRICO

De acordo com os registos históricos, as ilhas de Cabo Verde foram descobertas no ciclo das navegações portuguesas, entre 1460 e 1462 e estavam desertas <sup>3</sup>. Tal situação contraria o que António Pusich assinala (*Memórias*, 1810) no Artigo 3º ao afirmar que "quando se descobriram estas ilhas unicamente se achou povoada a de S. Tiago". Segundo a tradição, estes habitantes teriam vindo da costa da Guiné, mas, tal dado carece de fundamento <sup>4</sup>. Outro autor, Ilídio C. Baleno <sup>5</sup>, considera as provas e os argumentos existentes insuficientes, relativamente ao povoamento das ilhas antes da chegada dos portugueses. O Prof. Luís Albuquerque considera também, vagas as informações sobre o conhecimento de algumas ilhas antes do século XV e as visitas consideradas prováveis foram certamente esporádicas, nunca dando lugar a uma ocupação e ficaram esquecidas <sup>6</sup>.

O povoamento daquele arquipélago foi iniciado pela ilha de S. Tiago a partir de 1462, por razões geoestratégicas. A sociedade insular criada era composta por dois estratos: os brancos e os africanos, estes, na sua maioria, escravos. Foram assim, introduzidos nas ilhas (europeus e africanos) dando origem à sociedade crioula através das permutas culturais, fundidas em diferentes aspectos da vida diária, da estrutura social, das crenças, das formas musicais, dos usos linguísticos e outros, respondendo ao desafio da sobrevivência local.

No que concerne à ilha de S. Vicente, esta ilha surge referida pela primeira vez numa carta régia datada de 19 de Setembro de 1460, conjuntamente com os nomes de Brava, Sam Nycollao, Rasa, Branca (ilhéus) e Santa Lusía <sup>7</sup>. Este investigador assinala ainda que, noutra carta de 29 de Outubro de 1462, se regista o seu descobridor - Diogo Afonso. A sua representação gráfica surge, com algumas outras ilhas do arquipélago, numa carta da costa de África, desde o Cabo Branco até ao Cabo Mensurado, apresentada num Atlas de 1468 e referida por Armando Cortesão <sup>8</sup> pertence ao Museu Britânico (Add. Ms. 6390 - London) (Fig.4).

Numa aproximação aos factores considerados mais favoráveis à colonização deste arquipélago temos: a ausência de outro local para os portugueses desenvolverem, a partir de um ponto fixo, a sua estratégia comercial com os Rios da Guiné, dado que aqueles viviam e comerciavam postados em frente da costa da Guiné em "feitoria", que funcionava a bordo de um navio e precisavam de uma alternativa, a partir da qual pudessem implantar com segurança a sua soberania. O povoamento daquelas ilhas que tanto interessava ao então Rei de Portugal, dada a sua localização geográfica, podia também permitir o reconhecimento da faixa costeira africana e do sul do Atlântico. Muito embora os reis de Portugal se intitulassem "senhores da Guiné", desde o

<sup>3</sup> Ilídio do Amaral, *História Geral de Cabo Verde*, vol. I, 1991.

<sup>4</sup> Orlando Ribeiro, *As ilhas de Cabo Verde no principio do século XIX*, 1956.

<sup>5</sup> *História Geral de Cabo Verde*, vol. I, 1991.

<sup>6</sup> *História Geral de Cabo Verde*, vol. I, 1991.

<sup>7</sup> Teixeira da Mota, *Cinco Séculos de Cartografia das ilhas de Cabo Verde*, 1961.

<sup>8</sup> Armando Cortesão, *History of Portuguese Cartography*, vol II, Lisboa, JIU, p. 186.

século XV, não parece ter havido qualquer ligação ou laço real, nem de dependência política com os reis Guineenses.

Na sociedade cabo-verdiana os brancos eram, segundo M. Emília M. Santos <sup>9</sup>, um grupo minoritário e constituído por reinóis portugueses, castelhanos e genoveses, atraídos pela situação geográfica das ilhas em relação à costa da Guiné. As possíveis razões para o seu estabelecimento eram os privilégios que usufruíam, assim como certas isenções fiscais. A colonização, como vantagem geográfico-comercial, era vista como uma oportunidade única de se exercer com facilidade uma actividade lucrativa sem confrontação com populações que por vezes se revelavam hostis, como as que habitavam na costa africana.

O estrato dos escravos, compulsivamente "capturados" e trazidos da costa africana, para serem reexportados para a então América Espanhola ou para a Península Ibérica, constituíam uma "mercadoria" altamente rentável, sendo esta uma das principais razões da implantação do povoamento nas ilhas, que funcionavam como interposto comercial, com relevância para a ilha de S. Tiago. A existência do comércio de escravos levou ao alargamento das actividades dos moradores à agricultura e pecuária, sendo o escravo empregue como mão-de-obra nessas produções e simultaneamente assim, se obtinham produtos e artigos exportáveis, quer para as permutas na costa da Guiné, quer até para o Reino (Portugal).

A estruturação da sociedade nas ilhas foi sendo determinada por estes dois estratos: o grupo europeu que impôs o modelo de sociedade na qual os escravos foram integrados sem outra opção mas, essa integração também os nivelou, atenuando as heterogeneidades.

Quanto ao privilégio de armar para a costa da Guiné, este era exclusivamente outorgado pela Coroa a indivíduos munidos de licença (passada pelo rei de Portugal), o que proporcionou a formação de grupos sociais privilegiados, sob o estatuto de "moradores" e "vizinhos", cujo desenvolvimento levou a que os primeiros passassem a ser designados por armadores-moradores. Este tornou-se o eixo em torno do qual girava o circuito do comércio entre as ilhas de Cabo Verde e a costa da Guiné. A limitação destes privilégios foi imposta pela Carta de 1472, na qual se determinava que os armadores usassem no resgate apenas as mercadorias produzidas localmente, o que tornou vital o fomento da produção interna, levando deste modo ao desenvolvimento da agricultura, da pecuária e do artesanato.

Como consequência, o escravo passou a ter um papel de grande significado, pois o armador dependia muito mais dele, para fazer render o seu capital. Este era simultaneamente um proprietário rural e um armador e o escravo tornou-se indispensável para obtenção de produtos que permitissem ao armador controlar o resgate de mais escravos, o que colocou estes no centro da economia insular.

Esta estabilidade comercial foi possível devido à divisão e repartição do Atlântico com a homologação papal, na sequência dos Tratados das Alcáçovas (1479) e de Tordesilhas (7 de Julho de 1494), tratados esses estabelecidos apenas com as coroas portuguesa e espanhola. Estes "Tratados" estabeleceram uma ordem geo-política válida para a cristandade e, na prática, permitiram territorializar o Atlântico, o que mostra que na época, as razões de Estado se projectavam sobre as terras, os mares e os homens.

Os interesses comerciais assentavam no comércio de escravos. Estes eram resgatados nas costas da Guiné pelos armadores de Cabo Verde (principalmente das ilhas de S. Tiago e Fogo) dando resposta a contratos de compra feitos com antecedência por mercadores europeus,

<sup>1</sup> *História Geral de Cabo Verde*, 1991.

nomeadamente de Sevilha, o que permitia um rápido abastecimento dos navios, quando estes aportavam nas ilhas, com destino às então chamadas "Índias de Castela" (hoje ilhas de Cuba e Haiti).

Esta sociedade de burguesia mercantil era contudo muito vulnerável, com dependências e geradora de grandes desigualdades. Na sociedade cabo-verdiana viviam também homens brancos pobres e sem ofício. Estes eram considerados inúteis pelos poderosos e quanto aos negros forros, cuja oferta de trabalho se substituiu com vantagem pelo trabalho de escravo, levou a que ambos tivessem uma vida difícil. Viviam de esmolas e eram considerados marginais. Houve também negros forros que conseguiram algumas ocupações como "serventia" de porteiro, carcereiro, além de serem também utilizados como marinheiros e "línguas" entre outras actividades <sup>10</sup>.

A territorialização do Atlântico como exclusivo ibérico, não se poderia manter e alterou-se: primeiro, devido às filosofias do direito universal de circulação – *o jus communication* – (11) e segundo, quando uma parte significativa das cidades portuárias europeias aderiram ao movimento protestante, o cisma que dividiu a cristandade, e assim se libertaram da obrigação jurídica e moral que lhes fora imposta com o Tratado de Tordesilhas, o qual permitia o acesso exclusivo dos navios portugueses às costas da Guiné.

Deste modo, o espaço comercial africano no qual se jogava a sobrevivência económica de Cabo Verde, começou a ser alterado com o surgir das primeiras incursões exploratórias, mercantis e corsárias dos armadores dos portos franceses, apesar de muito reivindicado pelos portugueses como área exclusiva de domínio político. O arquipélago passou a sofrer ataques de surpresa e acções de pilhagem. Os ingleses, os holandeses e os franceses vão poder comerciar no Atlântico, que era um espaço económico altamente elaborado e obter lucros já na segunda metade do século XVI <sup>12</sup>.

Esta situação conduziu a uma alteração do meio socio-económico e a partir do século XVII, a Guiné passou a dispor de um capitão-mor, sendo os factores dessa decisão, a defesa dos "Rios" de comércio da região, e a qual é lamentada por toda a sociedade cabo-verdiana ligada aos armadores-mercadores. Estes homens, que se haviam tornado poderosos, controlavam a Câmara, formaram e dirigiram as parcerias comerciais entre si e com os mercadores estrangeiros, levaram à ocupação efectiva das ilhas do arquipélago completada com a introdução de espécies animais e vegetais, sendo estas de origem europeia, africana e ameríndia. Mandaram construir casas de pedra e cal servidas por jardins, pomares e hortas e ainda dirigiram as confrarias religiosas. Todo este poder foi obtido através do comércio de milhares de escravos que, como mão-de-obra, criaram e desenvolveram uma produção interna centrada na agricultura e pecuária, que fornecia os produtos necessários para o resgate na costa.

Com estas alterações, os filhos da terra vão começar a ter peso e a preencher os lugares na administração, quando a renovação de homens brancos se tornou insuficiente, porque os atractivos deixaram de existir, os filhos dos brancos permitiram aos filhos mulatos (legitimados) a administração dos bens paternos. Esta situação foi intensificada na 2ª década do século XVII, com o despontar da crise comercial e a diminuição dos lucros com o trato na costa africana.

Esta sociedade mercantil de Cabo Verde, que cresceu e subsistiu cerca de duzentos anos à custa das relações mercantis com a costa da Guiné, era uma sociedade "escravocrata", como lhe chamou António Carreira. Entrou em declínio quando, com autorização régia, se tornou possível resgatar directamente nos Rios de Guiné, o que levou os barcos com destino ao Novo Conti-

<sup>10</sup> Iva Cabral, *História Geral de Cabo Verde*, vol. II, 1995.

<sup>12</sup> A. Correia e Silva, *História Geral de Cabo Verde*, vol. II, 1995.

nente a passar ao largo, isto aliado ao alto custo de vida, à pirataria e ao curso que largamente se fizeram sentir. Para lá das cidades e do porto, erguia-se o espaço no qual predominava a agricultura, a pecuária e o povoamento disperso, e onde a sociedade verdadeiramente inserida no sector primário com uma organização de espaço e funções económicas próprias, vai prosseguir. Sem nos determos em análises minuciosas, julgamos importante sublinhar o significado e o valor do passado histórico que conduziram ao desenvolvimento socio-cultural da sociedade cabo-verdiana, constituída por habitantes que tinham ali chegado como resultado de imigrações voluntárias ou forçadas, centrando-se nestes últimos, em nosso entender a razão da existência destes concheiros e eventualmente de outros, que possam existir ou ter existido em outras ilhas do arquipélago.

## **7 - O TRABALHO DE CAMPO**

O trabalho de campo no Concheiro de Salamanca centrou-se na prospecção, definição, levantamento e recolha de espólio, com o objectivo de permitir a datação daquele concheiro.

A área com interesse arqueológico centrava-se numa zona de duna que formava uma plataforma ligeiramente mais elevada, entre os vestígios de duas ribeiras, junta à orla marítima, mas de certo modo defendida das marés pela barreira rochosa natural existente dentro de água. De cada lado desta zona mais elevada, o espaço era utilizado como arrastadouro de barcos de pesca artesanal pelos diversos pescadores da zona. Regista-se também a presença de dois núcleos habitacionais de uma reduzida população estante a Este do concheiro.

### **71- Descrição e Análise dos Trabalhos - Metodologia**

#### **7.1.1 - Prospecção**

Começou-se por analisar a área envolvente da estação, situada junto da orla marítima e o concheiro. Este desenvolveu-se entre os leitos secos das ribeiras de Amargosa e a de Salamanca, as quais foram também prospectadas. No leito seco da primeira, verificou-se a existência de uma significativa quantidade de uma espécie de *cucurbitaceae*, de que recolhemos dois exemplares para identificação. Segundo leva a crer, são de geração espontânea, porque não parece que a população que passava e vivia naquelas paragens delas fizesse caso. Recolhemos ainda o que à primeira vista nos pareceu uma pequena "pedra rolada", que se encontrava no plano superior do concheiro na areia molhada, que despertou a nossa atenção devido à sua cor azul.

#### **7.1.2 - A Intervenção Arqueológica**

Os trabalhos desenvolveram-se sob a orientação da autora durante a primeira semana, depois da análise da cartografia disponível e publicada na escala 1:75.000 (Comissão de Cartografia, Ministério das Colónias, 1932), com vista à identificação da área, sua localização geográfica e topográfica.

O primeiro passo da intervenção consistiu no reconhecimento dimensional do concheiro, o qual permitiu obter um registo de cerca de 23 metros de comprimento. Procedeu-se depois à sua marcação no terreno de modo a permitir a identificação do espólio por sectores. A marcação foi desenvolvida de Este para Oeste com espaçamentos de 1 metro e o seu ponto mais elevado situava-se no sector O (compreendido entre o marco 15 e o 16), no qual se registou uma altura de 110 centímetros; apresentando nos extremos, marcos O e 23, uma altura de cerca de 10/15 centímetros.

Os aspectos mais significativos do que era à partida visível, foram registados no esboço do concheiro que elaborámos (Fig. 5a). A zona de derrube tinha grande domínio e precisava de ser retirada para permitir a completa definição da estratigrafia do concheiro, bem como a sua altura

total. Assim, a intervenção nesta estação arqueológica circunscreveu-se inicialmente à zona de derrube que se nos oferecia, e cuja remoção se iniciou pelos extremos. Nos três primeiros metros a Este, esta forneceu poucos materiais: conchas fragmentadas e uma acumulação de fragmentos de algas fósseis (corais) inseridas em areias friáveis, definindo-se desde logo o que se considerou ser a base do concheiro (b.c.).

Entre os marcos 22 e 23 no extremo Oeste, a área de derrube não forneceu nada de significativo, apenas permitiu delimitar o concheiro no sector V. Os trabalhos prosseguiram com as recolhas de superfície na zona de derrube, respeitando os sectores previamente marcados no terreno. Registou-se um predomínio da presença de grandes *patellas*, *fissurellas* e algumas *cypreae*, uma grande representação de ossículos e de espinhas de peixe, de pequenos fragmentos de bordos e bojos de cerâmica comum, registando-se também a presença de alguns grandes fragmentos de placas de argila, com fuligem na face não alisada, um pequeníssimo fragmento de porcelana oriental e vários fragmentos metálicos, nos quais se incluía uma parte de garfo que se encontrava à superfície.

Após esta fase, foi possível proceder à regularização do corte para definição da estratigrafia cujo aspecto final se apresenta (Fig. 5b) <sup>13</sup>. A definição da orla frontal do concheiro, para registo da sua estratigrafia foi por nós desenvolvida e depois continuada sob a orientação do Doutor João Cardoso da UNL, bem como a recolha de materiais para permitir a datação por Carbono 14.

### 7.1.3 - Sequência Estratigráfica

Da observação atenta da duna (Fig. 5b), verificou-se que o horizonte superficial do concheiro era definido por inúmeros blocos de pedra de diferentes dimensões, os quais permitiram a sua consolidação, dado que estes se posicionam praticamente ao longo da sua orla, se bem que irregularmente distribuídos. Segue-se um estrato constituído por areia de cor cinzenta escura sobre a qual assentavam grande quantidade de conchas, com destaque para as grandes *patellas*, estando estas largamente concentradas dos sectores G ao T (o espaço compreendido entre os marcos 7 e 20), assim:

- No sector O (entre os marcos 15 e 16), que abarcava o ponto mais alto do concheiro, concentrava-se grande número de pedras de diversos tamanhos, dispostas desordenadamente numa areia cinzenta escura, bem como um significativo número de *patellas* e outras conchas, espinhas e alguns pequenos fragmentos de cerâmica que se apresentavam mais ou menos sobrepostos e presentes à superfície. Este horizonte do nível superior constituído por pedras e areia cinzenta era bem evidente ao longo da parte central do concheiro e apresentava uma altura de cerca de 50 centímetros. Em alguns pontos era subdividido em camadas delgadas, formando uma bancada rochosa, bem identificada nos sectores Q, R e parte do S.

Estes dois aspectos formavam o que se pode considerar o primeiro nível ou nível superior do concheiro.

O estrato que consideramos corresponder ao segundo nível do concheiro, era principalmente definido por várias bancadas, dispostas horizontalmente, fazendo zonagem, as quais apresentavam diferentes tonalidades de cinzento, determinando uma nítida separação entre estas camadas e a areia mais ou menos friável, que seguia e se distribuía até à base do concheiro, a qual apresentava tonalidade e textura diferente.

Foi neste segundo nível e paralelamente a estas bancadas dispostas horizontalmente a

<sup>13</sup> Devido a um acidente sofrido pela signatária não nos foi possível elaborar na altura a representação gráfica e a descrição final da estratigrafia do Concheiro, tendo sido registados apenas os seus aspectos mais significativos e os materiais que este forneceu.

cerca de 40 centímetros da base do concheiro que se detectou, o que se considerou ser, uma zona de ocupação. Esta era formada por um pavimento de argila com cerca de 2 centímetros de espessura, distribuindo-se nitidamente desde o sector H / I ao sector L e prolongando-se. Este pavimento pode ter sido o chão de uma construção, à qual teria estado associado um "amontoado" de pedra seca, que se apresentava derruído para o exterior, podendo ter formado uma estrutura doméstica ou servido de paravento.

No exterior do pavimento concentrava-se um nível de cinzas e lenticulas de carvão, que podemos considerar provenientes de varreduras (que podem ter sido efectuadas durante a fase de ocupação) ou apenas o resultado dos ventos.

Voltando ao sector O, este apresenta neste segundo nível uma série de camadas horizontais de diferentes tonalidades de cinzento, bem definidas e a partir das quais até à b.c. se concentraram diferentes variedades de conchas das quais se salientam as *fissurelas*, os maxilares de esparídeos (*Sparedae*) (como pargos, besugos e douradas), um dente provavelmente de caprino e alguns fragmentos de cerâmica, sendo um deles decorado por impressão de motivos circulares. Este estrato distribuía-se a cerca dos 50/40 centímetros da base do concheiro e a partir do qual se concentravam fragmentos de plastrão (face ventral de tartaruga) e de carvão dispostos próximos uns dos outros e até cerca de 30 centímetros da b.c., no qual se registava também a presença de conchas, de menores dimensões.

Merece ainda especial destaque o sector S, que apresentava abaixo do primeiro nível e a seguir ao estrato definido pela bancada rochosa, grandes quantidades de *patellas* (bem visível na Fig. 5b). Evidenciam-se ainda outros tipos de conchas, ossículos, espinhas e grandes fragmentos de plastrão que se distribuía quase até à b.c. Este sector forneceu também alguns fragmentos de cerâmica comum. Na areia da base do concheiro e a cerca de 60 centímetros do seu topo - no sector T (no extremo oeste), registou-se a presença de um amontoado de ossos de caprino, estando alguns em conexão anatómica e no centro deste amontoado, como se fosse uma mensagem, encontrava-se um fragmento de seixo que parece ter sido ali colocado intencionalmente.

## 8 - OS MATERIAIS - CARACTERIZAÇÃO

O inventário total do espólio que poderia ter interesse estatístico não será possível apresentar, muito embora a escavação tivesse sido feita, inicialmente, segundo as unidades definidas e utilizando o colherim, o que devia permitir a avaliação dos materiais existente, além da definição da estratigrafia ou camadas. Houve também um processo de crivagem e triagem, mas acontece que, posteriormente, não houve interesse pela importância dos mesmos.

No que concerne aos materiais do horizonte superficial, que foram já anteriormente citados, nesta fase passamos apenas a referir a distribuição espacial dos mais representativos e recolhidos na regularização dos diferentes sectores, para a definição da estratigrafia no perfil frontal do concheiro. A combinação de todos os elementos e materiais recolhidos ou observados podem servir para documentar aspectos da vida, economia e da dieta alimentar dos utilizadores/habitantes do sítio .

A regularização do corte para "leitura" da estratigrafia permitiu definir estruturas articuladas com artefactos e resto de fauna, além de calhaus cuja presença pode ter duas causas possíveis: a acção do homem (sendo nesse caso "manuports") ou o resultado de acção natural.

Desta definição destacamos:

- O sector F (entre os marcos 6 e 7) forneceu um fragmento de bojo de cerâmica comum, de cor cinzento, proveniente de uma camada de areia sem conchas e a cerca de 30cm da b.c.
- No sector J (entre os marcos 10 e 11), sob a estrutura de um pavimento de argila, numa

abertura que os seus construtores/utilizadores produziram no pavimento, recolheu-se um recipiente cerâmico intacto. Curiosamente, apresentava-se com a boca virada para baixo e em bom estado de conservação. Quanto à sua morfologia, apresenta uma pança ovalóide, colo ligeiramente divergente, fundo convexo e localizava-se a uma distância de cerca de 30 centímetros da b.c.

- No sector O (entre os marcos 15 e 16), merecem destaque 3 fragmentos de cerâmica sem decoração, sendo possível determinar num deles a sua morfologia: recipiente globular que apresentava um fragmento do bordo e pança, com colo divergente, permitindo considerar que o fundo seria convexo e de cor vermelha acastanhada.

- O sector P (entre os marcos 16 e 17), forneceu um fragmento de cerâmica comum que se encontrava por cima de restos de plastrão (a cerca de 40 centímetros da b.c). Este fragmento pertencia ao bojo de um recipiente globular. Na camada superior foram recolhidas duas amostras líticas, variedades de sílica amorfa, sendo uma, um pequeno nódulo jaspóide e a outra uma esquírola de cherte.

### 8.1 - Material Cerâmico

O núcleo de materiais cerâmicos dito de "cerâmica tradicional" recolhido nesta fase do trabalho, revelam um fabrico manual sem roda de oleiro. As paredes apresentam uma espessura média da ordem de 1 cm a 1,5 cm, uma pasta bem elaborada, cuja superfície exterior foi apenas alisada e a interior ainda menos cuidada. Regista-se a presença de vários tipos de bordos e identifica-se pelo menos seis formas distribuídas por três tipos de recipientes no que concerne à morfologia: recipientes aparentemente esféricos, globulares e ovalóides, com colos mais ou menos divergentes e fundos convexos.

Quanto à decoração, verifica-se a existência de motivos impressos, obtidos com carimbo denteado, que se apresentam bem marcados na pasta e desenvolvem-se em banda apenas no bojo, como parece documentar o fragmento (Fig. 6).

Muito embora não tenha sido possível efectuar a análise comparativa da pasta das cerâmicas fornecida pelo concheiro com a das argilas recolhida nos barreiros actuais da ilha de S. Vicente, estas parecem integrar-se, quanto ao tipo morfológico, no contexto das cerâmicas da Idade do Ferro africana, na sua fase final. Tendo em atenção a terminologia adoptada, estas podem enquadrar-se na segunda fase da 2ª Idade do Ferro africana.

A cerâmica dita de "importação" está documentada por um pequeno fragmento de porcelana de tipo oriental, no qual se evidencia o vidro branco e motivos de cor dourada, o que permite considerar tratar-se de um fabrico recente e ter sido certamente levado pelas marés.

### 8.2 - Metálicos

Os fragmentos metálicos que o concheiro forneceu não permitiram determinar a que tipo de peças ou artefactos pertenceram. São sobretudo fragmentos de ferro e pequenas placas que não se tornou possível identificar.

### 8.3 - Material Malacológico

Quanto aos materiais malacológicos marinhos fornecidos, destacamos as diferentes espécies de conchas (ou esqueleto externo de um animal de corpo mole -mólusco):

- *Thais nodosa* (Linné, 1758)
- *Thais haemastoma* (Linné, 1758)
- *Cypreaecassis testiculus* (Gmelin, 1791) - 6,5 cm, também conhecida por *Cassis testiculus* (Linné, 1758).

- *Cypraea Luria lurida* (Linné, 1758) - 4,5 cm
- *Spondylus senegalensis* (E. A. Smith) (antes *Spondylus powelli*)
- *Spondylus gaederopus* - 7,5cm (Linné,1758)
- *Patella (Patellona) lugubris* (Gmelin, 1791) - 4,2 a 5,4 cm
- *Patella guttata D'Orbigny* (Gmelin, 1791) (sinónimo de *Patella piperata*)
- *Fissurella alabastrites* Reeve (Fig. 7).

Estas espécies são análogas às do concheiro de João d'Évora, representados na figura 16, não estando, porém, nesse referenciadas as *fissurellas*, que apenas foram recolhidas no concheiro de Salamanca.

#### 8.4 - Material Osteoiológico

Os vestígios osteológicos de origem marítima são predominantemente ossículos e espinhas de peixes muito fragmentadas, placas da face ventral da tartaruga (plastrão); os terrestres estão documentados por uma significativa quantidade de ossos de caprino.

#### 8.5 - Elementos Botânicos

Os elementos botânicos fornecidos pela recolha na zona envolvente do concheiro, que procurámos igualmente caracterizar, são exemplares de cucurbitáceas recolhidos no leito da ribeira - plantas herbáceas, cuja designação botânica actual é *Colocynthis vulgaris* (Linné) Schrad, tal como aparece documentada por J. Berhaut<sup>14</sup>. É uma planta anual e desenvolve-se em terrenos arenosos, com folhas de cor verde, apresentando um contorno triangular e um comprimento de 8 a 12 centímetros. Os frutos do tipo pequena meloa, são de cor amarelada com zonado ligeiramente esverdeado ou amarelo mais intenso, consoante o estado de maturação (Fig. 8).

#### 8.6 - Elemento Mineralógico

Na plataforma superior do concheiro, por onde a água das marés circulava livremente, foi recolhido o que se pode considerar um pequeno "seixo" silicatado de cor azul turquesa. Mineralogicamente é essencialmente constituído por sílica quartzosa.

### 9 - CRONOLOGIA

Relativamente ao trabalho de datação do Concheiro de Salamanca, obtida pelo método do Carbono 14 com base dos materiais orgânicos ali recolhidos, constituídos por conchas e ossos, efectuada no Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN), os resultados permitiram estabelecer a cronologia absoluta do concheiro definida entre os séculos XV e o XVII d.C.

Pela análise dos resultados, podemos considerar que esta cronologia abarca o período que se considera representativo da fase inicial da ocupação das ilhas, ao período áureo do comércio de escravos. Somente com o seu desmonte se poderão obter elementos que permitam novas datações para a confirmação da sua cronologia.

## PARTE II - OS CONCHEIROS DA BAÍA DE JOÃO D'ÉVORA - ESTUDO DOS MATERIAIS FORNECIDOS

### I - PREÂMBULO

A segunda parte do nosso trabalho vai centrar-se no estudo das cerâmicas recolhidas nos concheiros da Baía de João D'Évora (pelo seu descobridor), em 1913, dada a sua importância e ainda porque um concheiro é um registo silencioso da vida passada.

<sup>14</sup> *Flora Illustrada do Senegal*, tomo III, 1975.

Depois dos contactos estabelecidos com a instituição a quem o arqueólogo O. G. S. Crawford entregou o espólio recolhido nos concheiros que localizou em São Vicente (Cabo Verde), tivemos já a oportunidade de, a convite da mesma, estudar o material arqueológico e de efectuar uma atenta leitura da sua autobiografia editada nos anos 50. As dificuldades da vida das populações em São Vicente, estão ali referidas e assinala a presença dos concheiros por ele encontrados quando passeava ao longo da costa, bem como o tipo de materiais que recolhera.

## 2 - INTRODUÇÃO

Nesta fase do nosso trabalho são objecto de estudo os materiais inéditos recolhidos em estações que se podem considerar arqueo-históricas - os concheiros localizados na pequena baía de João d'Évora.

O espólio recolhido pelo Dr. Crawford, aquando da descoberta dos concheiros, incluía conchas, fragmentos cerâmicos e de metal, referindo ainda aquele investigador nos seus escritos a presença do que chamou "Molucca beans", flutuando nas ondas junto à areia e que considerou como provenientes das índias Ocidentais.

Vamos procurar fazer um estudo destes materiais, centrado na caracterização do núcleo de cerâmica dita "tradicional" fornecido por estes concheiros, dada a sua importância no contexto da ceramologia da Idade do Ferro africana.

## 3 - LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO

Os concheiros da baía de João d'Évora situam-se também na face norte da ilha de São Vicente e localizavam-se de cada lado do extremo da ribeira com o mesmo nome. Situando-se essa baía geograficamente na continuidade da de Salamanca e próxima de uma aldeia piscatória, isto é, a Oeste do concheiro de Salamanca, na ilha de S. Vicente. A sua distância à cidade do Mindelo será de cerca de 12 quilómetros. A sua localização está também referenciada no esboço da carta que Crawford elaborou a partir do Mapa da Comissão de Cartografia, datado de 1887, de que se apresentam cópias, (Hg. 9 a) -b)).

Coordenadas aproximadas: 24° 57' 20" longitude oeste - 16° 54' 40" latitude norte, carta 1:75.000 da Comissão de Cartografia de 1932 (Fig. 3).

## 4 - PROSPECÇÃO

Tudo aponta no sentido de Crawford ter começado por analisar a área dos concheiros, que fotografou; situando-se estes junto da orla marítima e desenvolvendo-se dos lados do final do leito da ribeira de João d'Évora. Na orla marítima, flutuavam pequenas sementes igualmente recolhidas por despertarem a atenção daquele investigador.

## 5 - TRABALHO DE GABINETE

### 5.1 - Os Materiais - Inventário

Tornou-se difícil a localização deste espólio, ao fim de tantos anos, como nos disseram, muito embora a autora deste artigo tivesse já conhecimento da sua existência desde finais dos anos 70. Por outro lado não sabemos hoje o seu número real, apenas o tipo, dado que o inventário total a que tivemos acesso, tal não aparece referido e na carta escrita pelo próprio Crawford, em Julho de 1913, também não o esclarece; apenas refere os materiais e assinala os locais de recolha, documentados por fotografias a preto e branco, que foram digitalizadas para melhorar a sua leitura e que agora apresentamos (Fig. 10 a) -b) - c)).

Os dados disponíveis referem uma prospecção efectuada ao longo da costa junto ao seu limite. Na areia da duna vêm-se os elementos que constituíam os concheiros, sendo o horizonte

superficial difícil de definir. Evidenciavam-se as conchas, os fragmentos cerâmicos e os de metal, que Crawford assinalou com setas nas fotografias (Fig. 10 b-c)). Não sabemos se foi efectuado qualquer levantamento sobre as dimensões destes concheiros, nem dispomos de qualquer referência sobre estratigrafia, apenas de fichas actuais com o registo dos materiais.

O estudo dos materiais fornecidos pelas recolhas efectuadas e que documentam estes concheiros são constituídos por:

- Fragmentos de cerâmica 41
- Fragmentos metálicos 6
- Espécies de conchas 16.

## 5.2 - Os Materiais - Caracterização

O núcleo cerâmico que estudámos apresenta uma certa homogeneidade, embora o seu estado de conservação levante algumas questões, dado que alguns fragmentos estão muito fragilizados e outros apresentam a superfície muito corroída.

É uma cerâmica de uso comum, sendo alguns dos fragmentos de grandes dimensões, pertencendo na sua grande maioria a bojos e a alguns bordos que fotografámos (Fig. 11). Regista-se a presença de cinco fragmentos de bordo (12,2%), dois fragmentos de fundo convexos (4,9%) e não se dispõe de nenhum recipiente cuja reconstituição seja plena.

A falta de dados estratigráficos não permite avaliar adentro da utilização as várias fases em que se possam ter sucedido.

### 5.2.1 - Cerâmica dita "tradicional"

O seu estudo iniciou-se pelo registo em desenho tipológico (efectuado pela autora) em verdadeira grandeza, dirigido para os fragmentos mais representativos, após determinadas as associações possíveis, o que permitiu também avaliar a sua morfologia e definir os diferentes tipos de recipientes. Foram desenhados dezasseis fragmentos cuja ordenação teve em atenção o seu tipo morfológico e o n.º de inventário, (Fig.12 e 13).

A análise do material cerâmico, quanto aos aspectos de manufactura, revelou um tipo de fabrico manual sem roda de oleiro e quanto aos conceptuais apresentam formas simples sem qualquer tipo de decoração. As observações de carácter tecnológico permitiram determinar quanto aos atributos técnicos, o que se pode considerar um tipo de fabrico médio, com inclusão de elementos não plásticos, paredes espessas e superfícies alisadas apenas aquando da sua manufactura.

No que respeita à cor, predomina a tonalidade castanhado acinzentado na face exterior (não há manchas de afogalhado) e regista-se também a presença da cor castanha e castanho alaranjado escuro, com diferentes tonalidades (Fig. 11). As alterações verificadas na superfície e a presença de fuligem parecem dever-se fundamentalmente à sua larga utilização e foram causadas pelo fogo.

Da leitura das cores segundo o Código Munsell registamos:

HUE 10 R - valor 4 / 1 e 4 / 2 - Dark reddish gray e Weak red

HUE 10 R - valor 4 / 4 - tonalidades diversas dentro de Weak red

A caracterização técnica permitiu identificar um número mínimo de 14 recipientes distribuídos por diferentes tipos morfológicas atendendo à distinção entre formas abertas e fechadas: tipo 1 - recipientes esféricos; tipo 2 - recipientes globulares; tipo 3 - recipientes ovalóides; tipo 4 - recipientes elipsóides, com variantes, representados no **Quadro I** (Fig.14), os quais incluem

formas fechadas e abertas definidas a partir dos bordos e bojos existentes.

Assim, temos:

Tipo 1 - recipiente esférico - variante A - de bordo fechado (frag. 24); variante B - de bordo aberto (frag. 41) e de profundidade variável.

Tipo 2 - recipiente globular (frag. 39).

Tipo 3- recipiente ovalóide em que os fragmentos n.ºs 28 e 34 permitem determinar a convexidade dos fundos .

Tipo 4 - recipiente elipsóide - variante A - elipsóide horizontal de bordo aberto (frag. 8); variante B - elipsóide vertical de bordo fechado (frag. 19 e 26) e de profundidade variável.

Em relação aos bordos, identificámos dois tipos de orientação presentes no **Quadro 1**(Fig. 14).

- bordo secante inclinado para o interior e de perfil exterior arredondado convexo (B1) - fragmentos n.ºs 24, 41. e 19.

- bordo secante inclinado para o exterior e de perfil exterior arredondado côncavo (B2) - fragmento n.º39.

Os lábios são arredondados (LI) - fragmentos n.ºs 19, 41 e 39 - e arredondados adelgaça dos (L1.2) - fragmentos n.ºs 24 e 8 - para o interior ou exterior como o documentam os desenhos tipológicos (Fig. 12 e 13).

Regista-se um predomínio dos recipientes globulares e elipsóides, mas não é possível determinar o seu número. Os fundos deviam ser na sua maioria convexos.

Foram também avaliados os diâmetros prováveis em quatro recipientes, registando-se a presença das grandes categorias, sendo os valores obtidos compreendidos entre os 19 cm e os 37 cm referenciados no **Quadro 1** (Fig. 14).

### 5.2.2 - Metálicos

Os fragmentos metálicos recolhidos não permitiram determinar a que tipo de peças ou artefactos pertenceram. Dispomos de seis pequenos fragmentos de ferro de difícil identificação, apresentando o maior alguns relevos que levou a considerar ser parte de uma argola (Fig.15).

### 5.2.3 - Materiais Malacológicos Marinhos

Quanto ao tipo de materiais malacológicos<sup>15</sup> os exemplares recolhidos distribuem-se pelas seguintes espécies de conchas:

- *Patella lugubris* (nove exemplares - de 6 a 4,5 cm).
- *Thais neritoidea* (Linné) (um exemplar - de 4 cm).
- *Cypreaecassis testículus* ou *Cass/s testiculus* (Linné) (um exemplar - de 5,8 cm).
- *Thais haemastoma* (Linné) (três exemplares - de 4,9 a 4,4 cm).
- *Cypraea Lurida* (Linné) (um exemplar - de 3 cm ).
- *Spondylus powelli* (E. A. Smith) - (*Spondylus gaederopus*) (Linné) (um exemplar de 5,4 cm).

### 5.2.4 - Elemento Paleobotânico

A referência às "Molucca Beans" levou-nos a efectuar uma intensa pesquisa sugerida pelo interesse que tal planta, ou melhor, as suas sementes (como conseguimos identificar) haviam despertado. Conseguimos determinar que esta planta era também do conhecimento dos portugueses que a denominavam por Fava de *Molauqua*, sendo a designação de *Molucca beans* o nome pelo qual era conhecida em Inglaterra.

<sup>15</sup> Os dados referentes a esta matéria foram obtidos com a colaboração da Investigadora Maria dei Pilar do Centro de Zoologia do IICT.

A pesquisa permitiu reunir os vários estudos realizados acerca deste arbusto <sup>16</sup>, de frutos espinhosos, ao longo de mais de cem anos e que o mesmo teve várias definições, sendo a mais recente *Caesalpinia bonduc* (Linné), em estudos desenvolvidos por A. Aubréville <sup>17</sup> e por Jean Berhaut<sup>18</sup>, os quais empregam a mesma terminologia (Hg. 16).

Estas sementes são muito resistentes e vêm à deriva no mar, no qual se conservam muito bem e podem até ser usadas como contas em colares, isto é, na elaboração de peças de adorno, razão pela qual resolvemos incluir este dado no nosso trabalho.

### III - ESTUDO QUÍMICO MINERALÓGICO DA CERÂMICA FORNECIDA PELOS CONCHEIROS

Esperávamos poder incluir neste estudo a constituição mineralógica e a temperatura de cozedura deste núcleo de cerâmicas, dada a importância de que se reveste essa caracterização.

### IV - CONSIDERANDOS FINAIS

No que respeita ao concheiros da ilha de São Vicente, começamos por referir que ao longo do desenrolar dos trabalhos de campo na baía de Salamanca, não foi esquecido o horizonte da ocupação continuada das ilhas de Cabo Verde, com início no século XV, sendo 1462 a data aceite, o que posiciona esse povoamento no que se considera ser a 2ª Idade do Ferro africana - L.I.A. - em relação à terminologia arqueológica proposta para a África Austral.

Na observação do corte estratigráfico, após os trabalhos de campo que permitiram a definição do concheiro de Salamanca, houve da nossa parte uma tendência para estabelecer comparações com outros da costa ocidental da África. O sítio forneceu cerâmicas que se podem enquadrar, quanto à morfologia e técnica de manufactura no segundo período da 2ª Idade do Ferro africana, situação igualmente válida para as cerâmicas da baía João d' Évora <sup>19</sup>. Quanto aos materiais de ferro, estes não permitem, em qualquer dos concheiros, identificar o tipo de peça ou artefacto a que possam ter pertencido. As conchas e os ossos possibilitaram a datação do concheiro de Salamanca, cuja cronologia corresponde, de acordo com os dados históricos, ao período do início da ocupação continuada das ilhas de Cabo Verde e à fase do desenvolvimento do comércio entre as costas do Atlântico nomeadamente nos séculos XVI e XVII. Este comércio desenvolveu-se a partir da inter-relação Cabo Verde / costa da Guiné, que se estendia entre o Senegal e a Serra Leoa, com algumas exclusividades, no que se refere a áreas que permaneciam nas mãos do Rei de Portugal.

O povoamento levou ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária, praticada pelos escravos, obtidos no trato com a Guiné, sendo estes considerados uma mercadoria e avaliados apenas em função da sua compleição física.

Com efeito, foram os escravos que contribuíram para a prosperidade do arquipélago com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, além de assegurarem esse mesmo trato. A agricultura era praticada de um modo rudimentar e realizada apenas com enxadas. No que respeita à pecuária, esta era largamente praticada nas ilhas não integradas no grande circuito do tráfico de escravos desde os primeiros anos da ocupação, como era São Vicente, nas quais os animais eram criados nos montes livremente e sem grandes cuidados, guardados por escravos-pastores e mortos periodicamente, revertendo o lucro apenas para o armador.

<sup>16</sup> Os dados sobre este tema foram obtidos com a colaboração do Investigador António Gonçalves do Centro de Botânica do IICT.

<sup>17</sup> *Flora du Gabon*, 1968.

<sup>18</sup> *Flore Illustrée du Senegal*, 1975.

<sup>19</sup> Lamentamos o facto de não termos concretizado esta fase do trabalho referida no ponto III.

Esta era a situação do exclusivo colonial, no período mercantilista, que tudo aponta poder enquadrar a formação dos concheiros nas baías de Salamanca e João d'Évora.

Da leitura dos dados históricos ressalta a influência do Atlântico que constituiu, enquanto sistema socio-económico, um campo de relações entre povos de diferentes proveniências e com os mesmos objectivos, os quais estabeleceram contactos a partir do século XV, altura em que o arquipélago começou a ser povoado e conduziram à formação de redes mercantis, mas com grande interdependência. Assistiu-se à criação de transportes que promoveram a circulação entre as costas do Atlântico, em conexão com a formação e desenvolvimento dos portos-cidades como Ribeira Grande e São Filipe e os privilégios dos armadores.

Os concheiros documentam a presença de populações que se alimentavam fundamentalmente de produtos marinhos, Nuno de Miranda refere no capítulo dedicado a Cabo Verde <sup>20</sup>, que os escravos em São Vicente eram alimentados com carne de tartaruga e moluscos e, que estes ainda produziam objectos de adorno e de artesanato, muito embora não assinale a fonte. Terá sido apenas uma situação de recurso, porque segundo António Pusich <sup>21</sup>, os produtos marinhos não eram muito do agrado da população rural que preferia o milho, o feijão e a abóbora, comendo somente em dias de festa carne das suas cabras, que criavam sobretudo pelo leite que forneciam.

Esta situação leva a considerar que em relação ao que consideramos o Nível 2 do concheiro de Salamanca, se possa estar na sua primeira fase de ocupação ou a mais antiga e documentada com a presença de restos deixados por uma população de escravos, forros ou fujões, que estiveram ou permaneceram naquele sítio, não tendo outro recurso para sobreviver do que se alimentar de peixes, gastrópodes, tartarugas, etc. Utilizavam recipientes cerâmicos e o fogo. Será que estaremos na presença de vestígios deixados por populações que puderam ali ter estado durante períodos mais ou menos longos ou apenas ter passado por lá sazonalmente ao longo dos anos e com objectivos específicos, como seja o da época da caça às tartarugas?

O pavimento de argila e a presença de recipientes de cerâmica tradicional, pressupõe a existência de algumas preocupações com as condições de vida, com um objectivo determinado, registando-se ainda a presença de cinzas e lentículas de carvão, atestando o facto de ali terem sido preparados alimentos utilizando o fogo. A presença de um recipiente cerâmico com a boca virada para baixo, sugere tal como foi encontrado, intencionalidade e também simbologia.

No Nível I do concheiro de Salamanca, regista-se a presença de restos de espinhas e ossículos de peixes, grande quantidade de conchas (*patellas*), mais ou menos queimadas, o que documenta igualmente a sua preparação naquele local usando o fogo. Os fragmentos metálicos e os diversos fragmentos de cerâmica dispersos, que se apresentavam na areia da duna, na qual se distribuía desordenadamente grande número de pedras, podem testemunhar uma significativa ocupação. Este contexto distribuía-se por cerca de 10 metros ao longo da frente do concheiro de Salamanca, na sua zona mais elevada, situação verificada também ao longo dos concheiros de João d'Évora, como foi assinalado por Crawford. (Fig. 10 b) - c)).

Este Nível, relativamente ao concheiro de Salamanca, representará em nosso entender uma segunda fase de ocupação, ou a mais recente e poderá ser também esta estada a responsável pela presença do amontoado de ossos de caprino localizado na areia da base do concheiro do lado Oeste. A escolha deste local para a sua deposição deve ter sido feita após uma ocorrência festiva de características mágico-religiosas em que os caprinos (entre outros alimentos) serviram

M arte popular, ilhas adjacentes e ultramar, 1968, pp. 319 a 379. <sup>L</sup>  
Memórias, 1810.

de repasto aos convivas, ou altura em os escravos podiam procurar com este tipo de refeições recrear os seus antigos hábitos socio-culturais inerentes às práticas alimentares que foram completamente alteradas após o resgate, tendo estas perdido todo o seu significado social ou a ligação aos familiares. Quanto à presença de um fragmento lítico sobre os restos pode ser vista como uma atitude cultural comum na África ocidental, na sequência da leitura das entranhas dos animais depois de mortos, antes de serem cozinhados.

Consideramos que a natureza dos materiais exumados com as suas diversificações, caracterizam a especificidade do lugar.

O período cronológico que se determinou para o concheiro de Salamanca, parece mostrar uma cultura bem integrada no sistema ecológico local, perfeitamente adaptado ao meio ambiente e explorando bem as potencialidades locais, como eram os recursos marinhos, sem afastar a hipótese de ocupações periódicas ou circunstanciais, como parece ser o momento do repasto dos caprinos.

A cronologia atribuída ao concheiro de Salamanca, poderá também alargar-se ao concheiro João d'Évora, permitindo considerar que no período compreendido entre os finais do séculos XV até meados do século XVII, este sítio das baías de Salamanca e João d'Évora, designado "ilha adentro", pode ter adquirido uma dinâmica própria devida às suas potencialidades, ou terem sido apenas um refúgio, mas não um local de estabelecimento permanente, no qual as populações sem grandes meios, como escravos, nomeadamente os fujões e até brancos menos afortunados, podem ter conseguido sobreviver, muito embora esta prática possa ter restringido o crescimento da população, mas servindo a pesca como meio de subsistência e também ainda durante os graves períodos de seca e de fome, como os ocorridos no século XVI, como refere A. Correia e Silva <sup>22</sup>, atendendo à sua boa posição geográfica, que permitia uma fácil obtenção de alimentos.

Relativamente aos períodos de ocupação em que a pesca ou a apanha de marisco tiveram lugar, estes podem ter sido esporádicos ou ciclicamente efectuados, permitindo a sobrevivência das populações e desenvolvidos quando as actividades agrícolas eram nulas durante a fase de ausência de chuvas, podendo os intervenientes ser também agricultores, dado que os concheiros se localizam no que se pode considerar um limite do mundo rural. Sem esquecer que a escravatura tornou o africano para ali levado num deserdado cultural e a marginalidade do lugar pode traduzir a marginalidade social; mas pode por outro lado revelar estratégia e esta ser mais ou menos consciente e um modo de preservar a liberdade.

A cerâmica utilizada nos concheiros poderá ser uma produção das zonas rurais em locais do interior e trazidas ou permutadas com os utilizadores dos concheiros o que pode explicar também a sua tipologia, dada a proveniência africana dos escravos levados para as ilhas de Cabo Verde.

O desinteresse posterior por estes sítios, poderá ter estado na sequência do alargamento da economia baseada em espaços tendencialmente fechados ou restritos, como a actividade piscatória e a agro-pecuária de subsistência, dado existir uma elevada correlação entre estes dois factores na sociedade cabo-verdiana enquanto valores históricos.

Ao contrário do que se passou no século XVI, em que se verificou uma expansão do sector portuário-mercantil com subordinação ao sector agro-escravocrata, no século XVII começou a dar-se o inverso, ou seja, as relações económico-sociais e políticas que comandavam a dinâmica no Atlântico e que se haviam largamente desenvolvido desde o século XV, foram alteradas pela dinâmica histórica. O valor geo-estratégico de Cabo Verde perdeu vitalidade e a sociedade come-

<sup>22</sup> História Geral de Cabo Verde vol. II, 1995.

çou a mudar. Os filhos da terra ficaram com o poder nas ilhas e viraram-se para o interior de onde lhes vinha a maior parte do sustento, devido aos recursos naturais nomeadamente a água, ficando as cidades apenas como locais de comércio, nas quais dominava o provisório e o efémero. As cidades estavam sujeitas ao calendário agrícola, às variações de preços e aos transportes marítimos, no entanto ainda não está esclarecido pelos dados escritos de como a sociedade rural comunicava no seu interior e com os seus limites.

Todos estes dados, porém, parecem dever ser ponderados para a compreensão da presença de populações que estão na base do aparecimento dos concheiros, como os das baías de Salamanca e João d'Évora nos estudos a desenvolver.

Lisboa, Novembro de 1999

## V - BIBLIOGRAFIA

- ABBOTT, R. Tucker - 1959, *Indo-Pacific Mollusca*. Academia das Ciências de Filadélfia, USA.
- ABBOTT, R. Tucker e DANCE, S. Peter - 1982, *Compendium of Seashells*. Dutton, New York
- ALBUQUERQUE, Luís e MADEIRA SANTOS, M. Emília (e outros) - 1991, *História Geral de Cabo Verde*. Vols. I. IICT, Lisboa.
- ALEXANDRE, Valentim e DIAS, Jill - 1998, *O Império Africano, 1825-1890*. Editorial Estampa, Lisboa.
- AUBRÉVILLE, A. - 1968, *Flore du Gabon*. n.º15 *Légumineuses Caesalpinioïdées*. Mus. Hist. Nat. Paris.
- BERHAUT, Jean - 1975, *Flore Illustré du Senegal*, tome IV. Dakar.
- BOLÉO, José de Oliveira - 1953, *Novos Subsídios para a História da Fundação do Mindelo - Cabo Verde*. Garcia d'Orta, vol. 1, n.º 2. JMGIC, Lisboa.
- BOULEGUE, Jean - 1988, *L Impact Économique et Politique dès Navigations Portugueses sur Les Peuples Côtiers. Les cas de la Guinée e Cap Vert (XVe. - XVIe. siècles)*. IICT, Lisboa.
- BURNAY, Luís P. e MONTEIRO, António A. - 1977, *Seashells from Cape Verde Islands*. Lisboa.
- CABRAL, Iva e TORRÃO, M. Manuel -1996, *Ensaio de uma Feitoria Régia no Espaço Económica e Social da ilha de S. Tiago*. Studia 54/55: 33 a 48. CHCA, IICT, Lisboa.
- CORREIA E SILVA, António - 1990, *A influência do Atlântico na formação de portos em Cabo Verde*. Série Separatas n.º 228 IICT, Lisboa.
- 1991 e 1995, *História Geral de Cabo Verde*, vol. I e II, Centro de História e Cartografia Antiga. IICT, Lisboa.
- CORTESÃO, Armando - 1971, *History of Portuguese Cartography*, vol II. JIU, Lisboa.
- DONELHA, André - 1977, *Descrição da Serra Leoa e dos Rios de Guiné do Cabo Verde (1625)*. Memórias, 18, JICU, Lisboa.
- MADEIRA SANTOS, M. Emília (e outros) -1995, *História Geral de Cabo Verde*. Vols. II. IICT, Lisboa.
- MIRANDA, Nuno de - 1968, *A Arte Popular em Portugal, ilhas adjacentes e ultramar*. Vol. I: 319 a 379. Verbo, Lisboa.
- RIBEIRO, Orlando - 1956, *As ilhas de Cabo Verde no princípio do século XIX*. Garcia de Orta, IV. JMGIC, Lisboa.
- SERRALHEIRO, António -1966, *Contribuição para o conhecimento Geológico da ilha de S. Vicente - Cabo Verde*. Garcia d'Orta, vol. 14, n.º 1. JIU, Lisboa.

SERRALHEIRO, António - 1967, *Sobre as Praias Antigas de algumas ilhas de Cabo Verde*. Garcia d'Orta, vol. 15, n.º 1. JIU, Lisboa.

SOWERBY, G.S. - 1982, *Thesaurus Conchyliorum*. Luís P. Burnay, Lisboa.

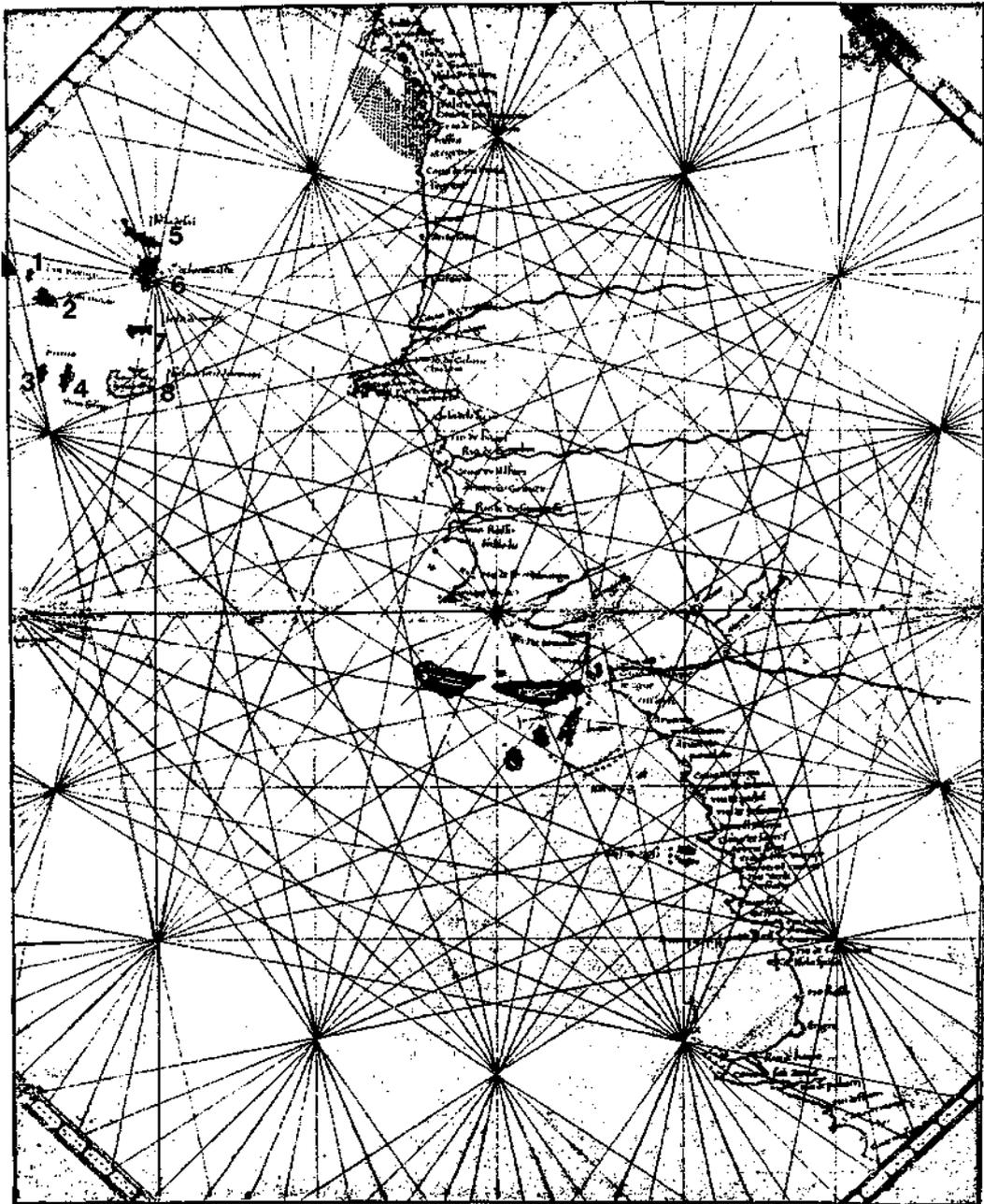
TEIXEIRA DA MOTA, A. - 1961, *Cinco Séculos de Cartografia das ilhas de Cabo Verde*. Garcia d'Orta, vol. 9, n.º 1. JIU, Lisboa.



Fig. 1 - O arquipélago de Cabo Verde.







LEGENDA

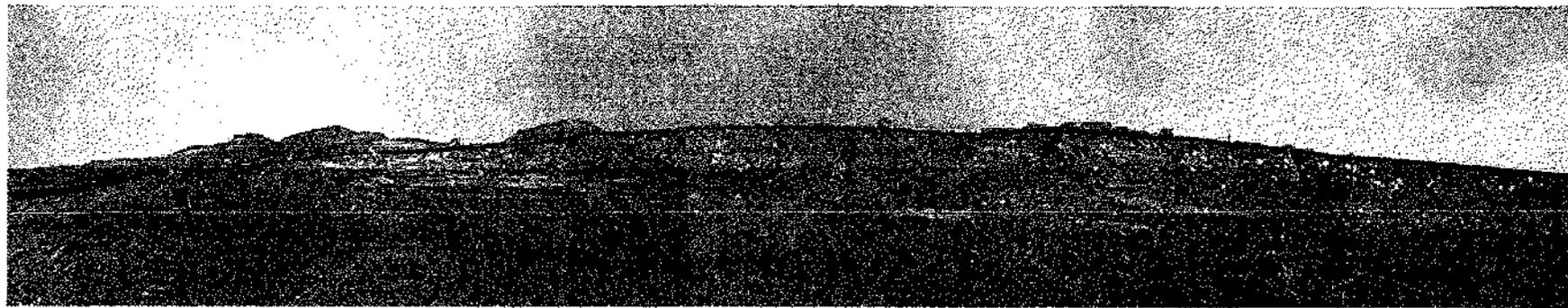
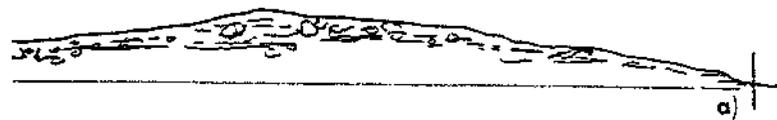
- 1 - São Vicente
- 2 - São Nieokm
- 3 - Brava
- 4 - Fogo
- 5 - Sal
- 6 - Boa Vista
- 7 - Maio
- 8 - São Tiago

Fig. 4 - Representação gráfica da Ilha de S. Vicente datada de 1468.

Secror

M N

25L

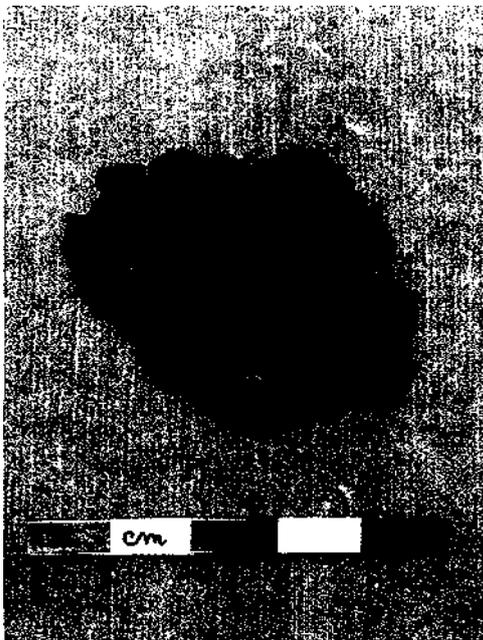


1m

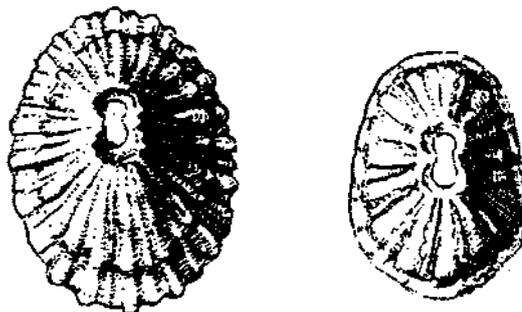
b)

S  
O  
  
W  
O  
O  
D W  
W  
P  
O  
  
S  
O  
  
2 n  
  
n  
S  
O  
Í  
W

5 - a) Esboço do aspecto inicial do Concheiro de Salamanca respectivos sectores e marcação métrica,  
b) Aspecto do corte estratigráfico no final dos trabalhos de campo.



Rg. 6- Aspecto de um fragmento de cerâmica com decoração marcada na pasta, fornecido pelo concheiro de Salamanca.



Fissurella alabastrites Reeve

Rg. 7 - Ilustração de um dos exemplares de conchas provenientes do concheiro de Salamanca - *Fissurella alabastrites* Reeve.



Rg. 8 - Ilustração do exemplar de cucurbitacea - *Citrullus Colocynthis vulgaris* (LJnné) Schrad (ribeira de Amargosa).

25° 5

25° W

JZ/J&i.

24° 55'

COMISSÃO de CARTOGRAFIA  
ilha de S. Vicente - Cabo verde - 1887

Escala 1: 100.000

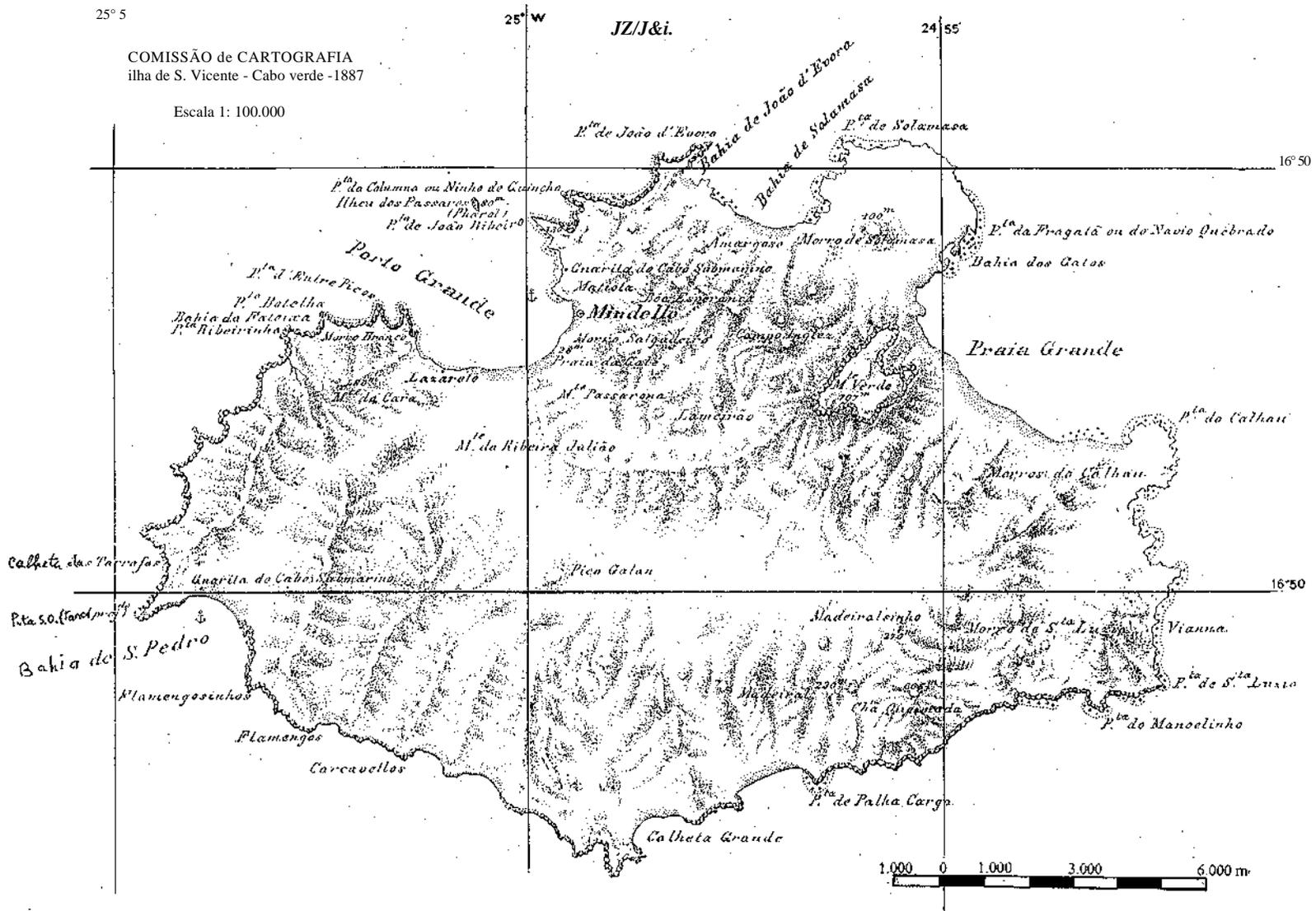


Fig. 9 - Carta da Comissão de Cartografia de 1887

C  
O  
S  
C  
  
D  
O  
S  
t  
O  
C  
B  
O  
O  
B  
O  
V  
O  
C  
S  
W  
J  
  
O  
B  
O  
W  
\*  
J  
  
O  
B

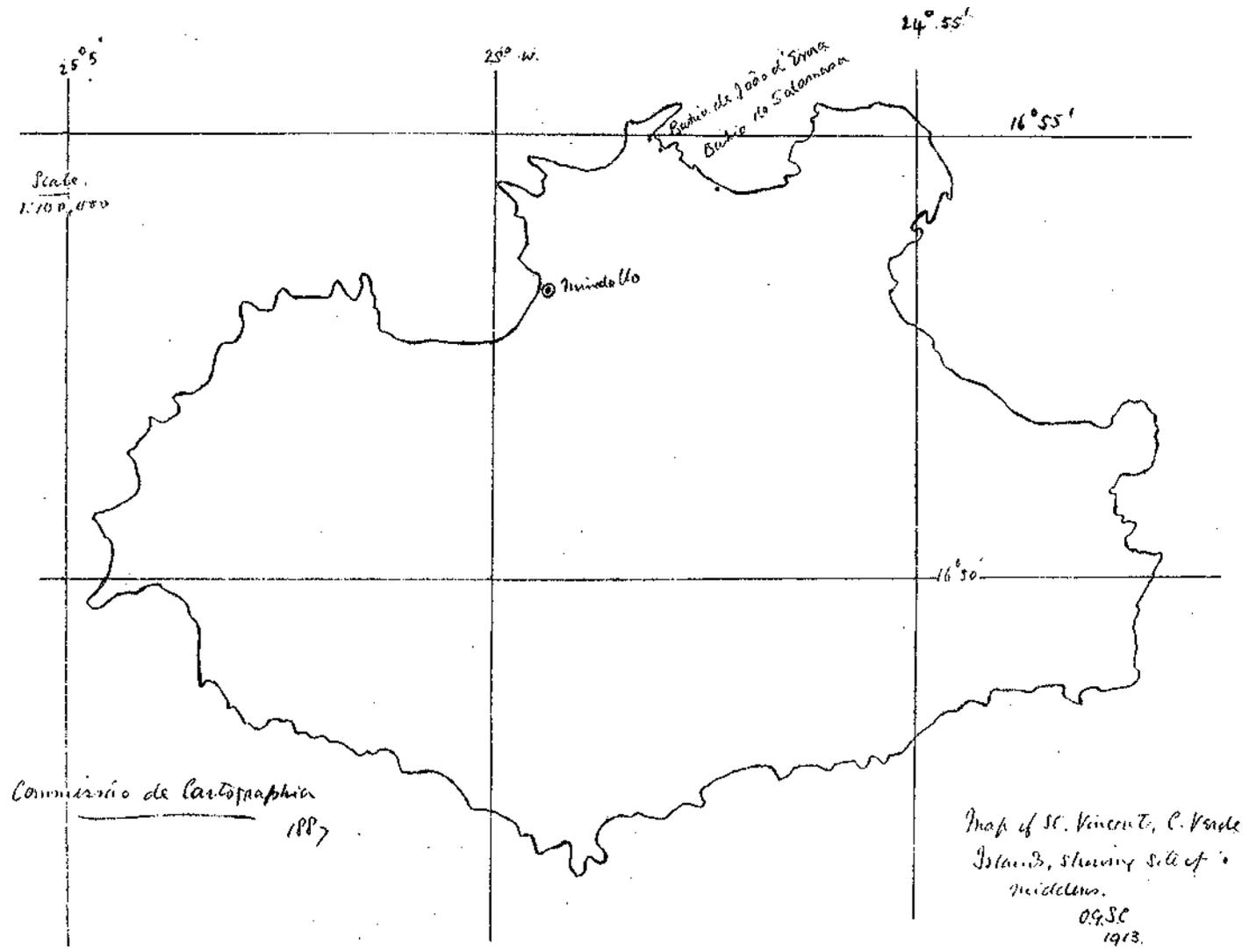


Fig. 9a) Mapa esquemático elaborado por Crawford, em 1913, para registo da localização dos concheiros que descobriu.

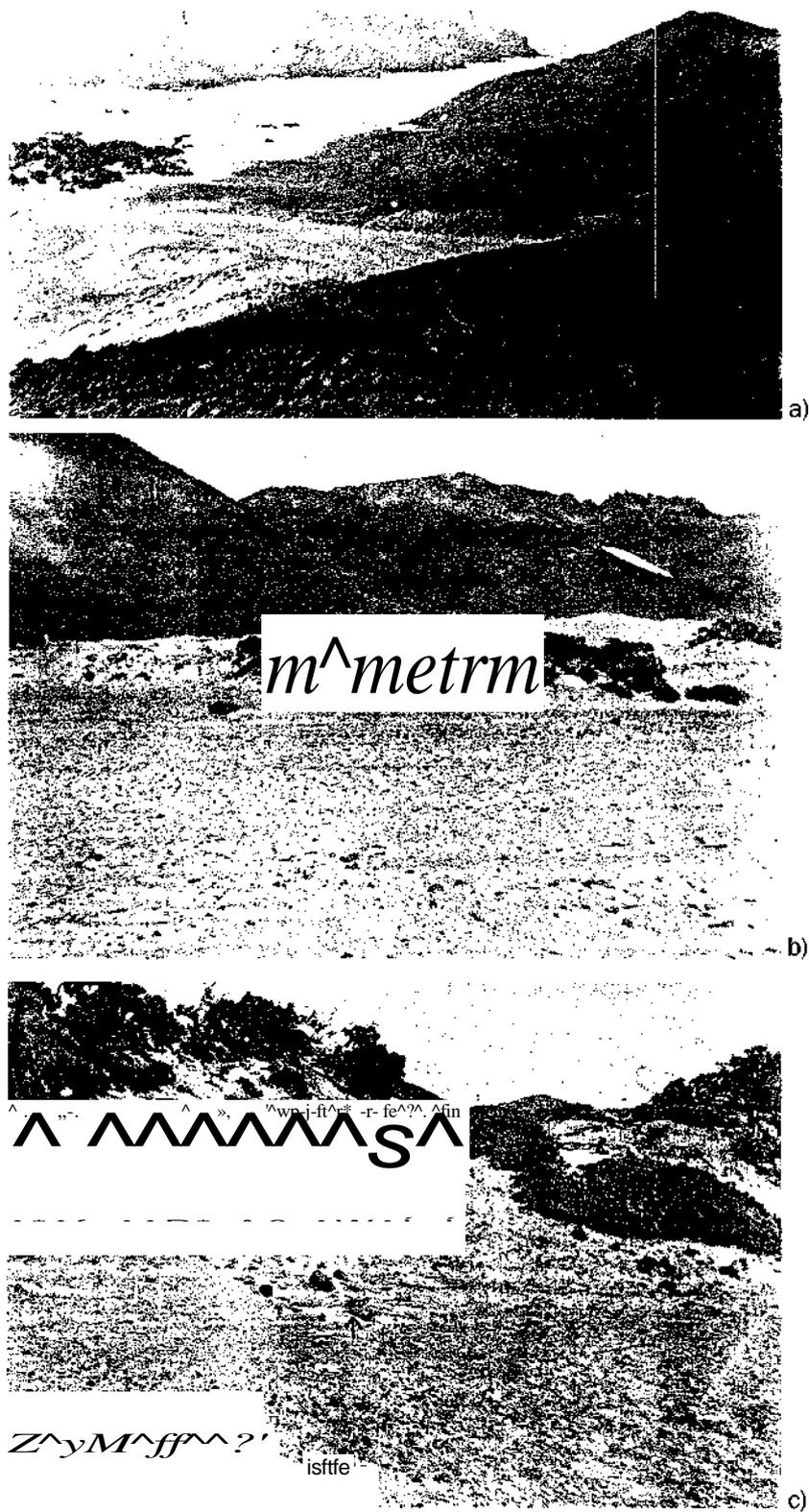
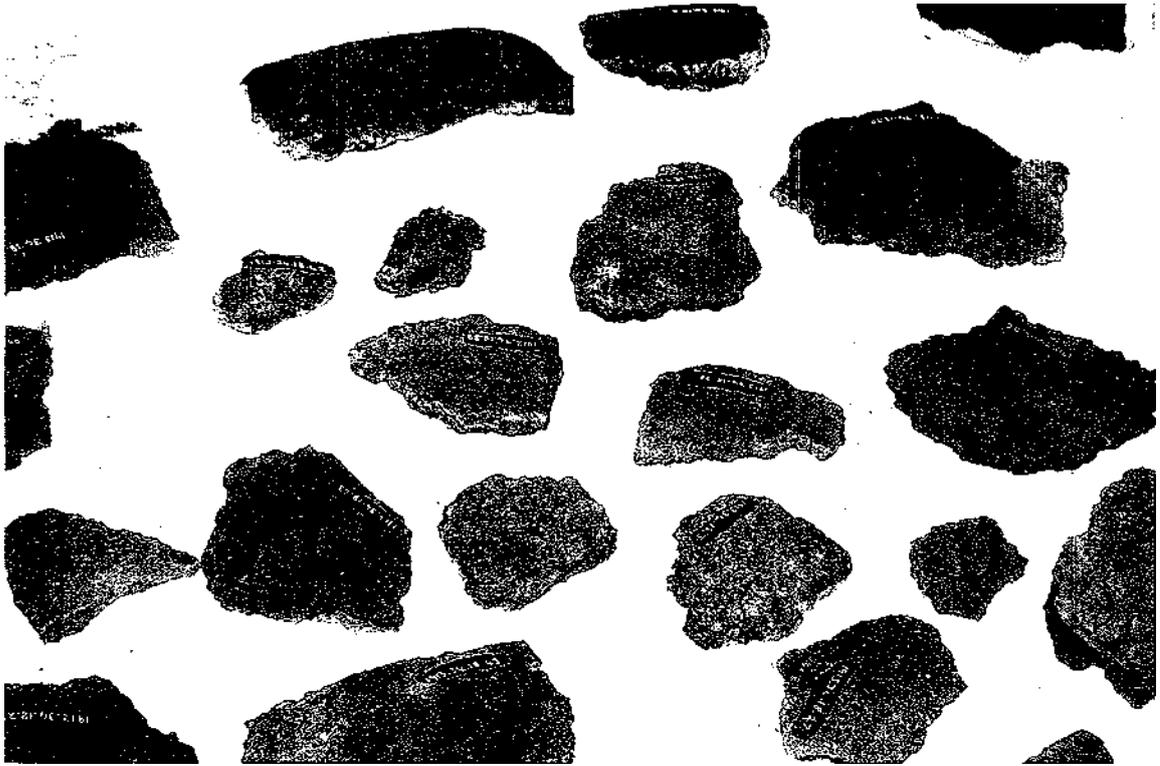


Fig. 10 - Aspecto dos concheiros da baía de João d'Évora em 1913  
a) Vista geral do concheiro lado Sul  
b) Vista do concheiro lado Este  
c) Pormenor do concheiro mostrando os fragmentos cerâmicos



Rg. 11 - Aspectos de alguns dos fragmentos cerâmicos recolhidos no concheiro de João d'Évora

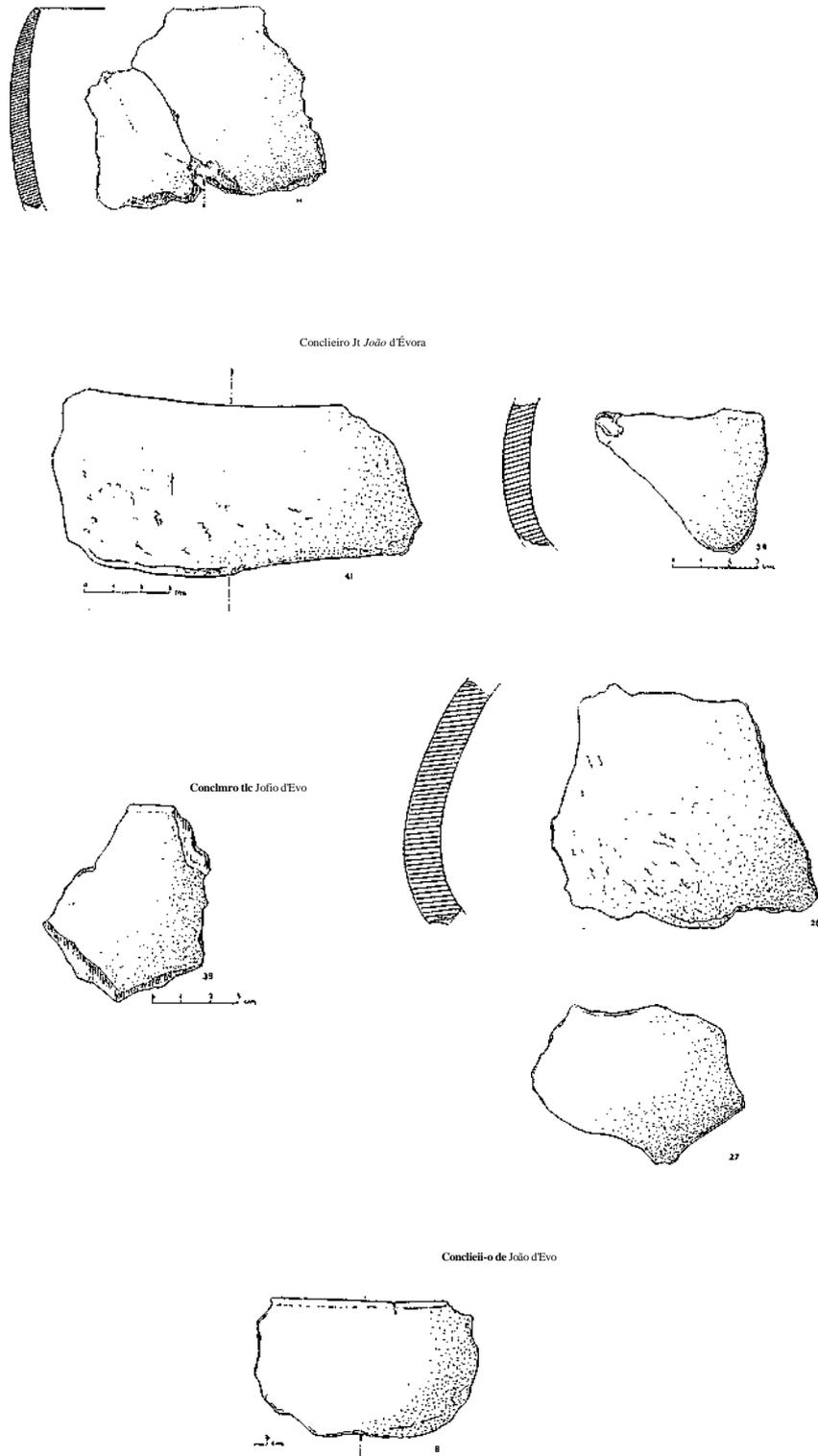


Fig. 12 - Desenho tipológico de fragmentos cerâmicos recolhidos no concheiro de João d'Évora, ordenados de acordo com os seus tipos morfológicos.

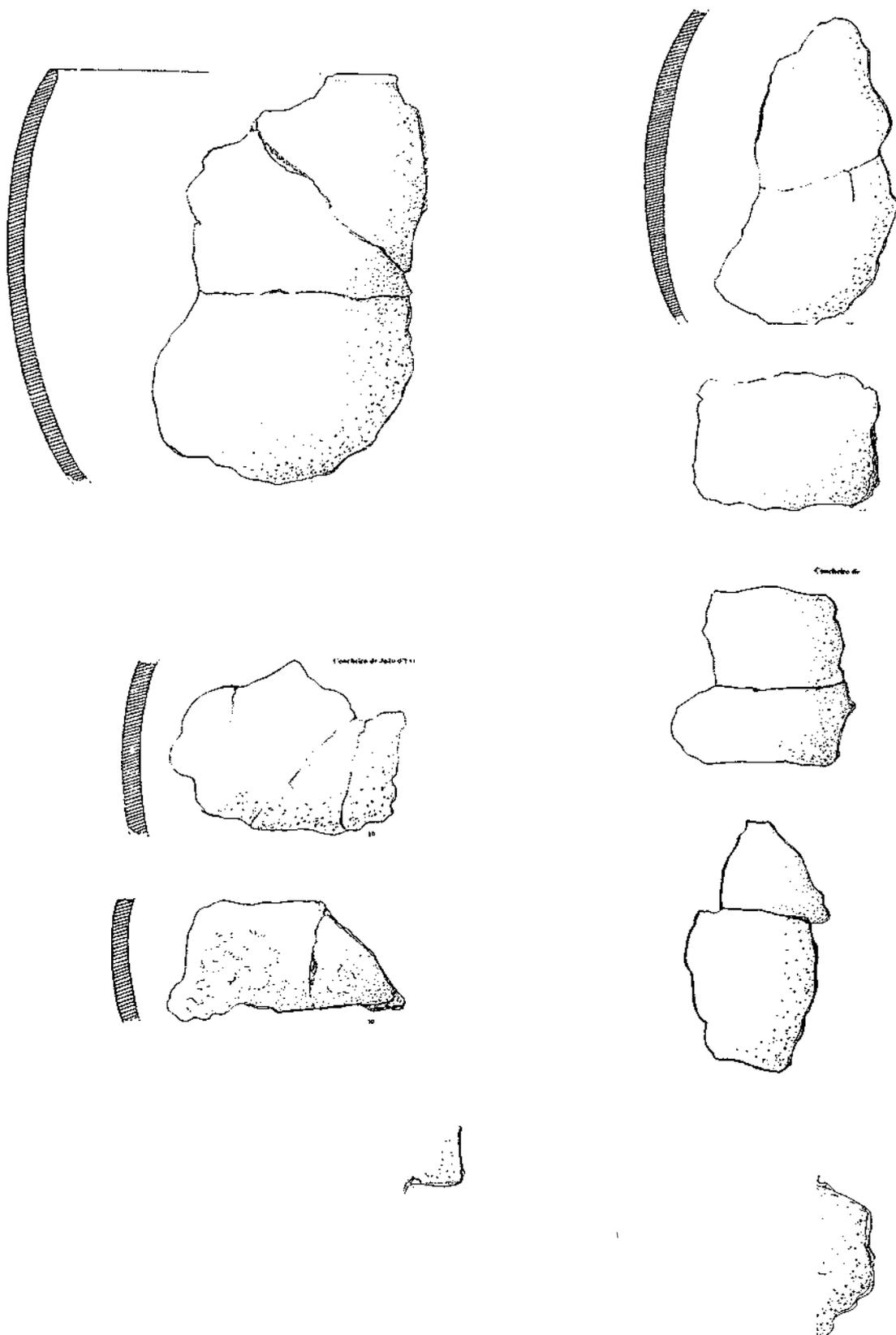


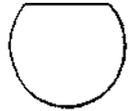
Fig. 13 - Desenho tipológico de fragmentos cerâmicos recolhidos no concheiro de João d'Evora  
 (frag. n.ºs 19-26-44-23-29-30-10-16-25)

Recons. dos tipos  
cerâmicos

Tipos S

Formas

Esferóide



A

B

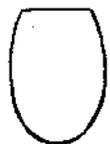
Globular



Ovaióide

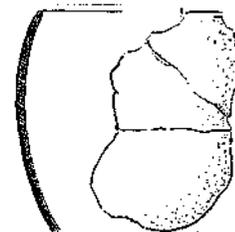
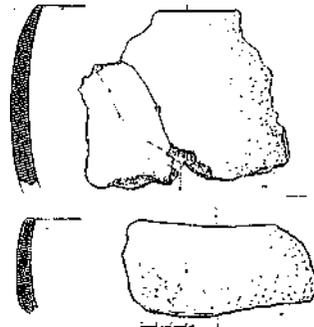


Elipsóide



A

Fragmentos cerâmicos



Tipos Orientação  
Bordos - Lábios

Diâmetro  
(cm)

f.24

B 1 -L1.2int.

f.24- 19

f.41

B1

f.41 -24

f.39

**B2- L 1.2 ext.**

f.28

B

f.8

B 3 -  
L1.2int

o  
s  
c  
o

o  
w

a  
w  
w

f.8 - 37

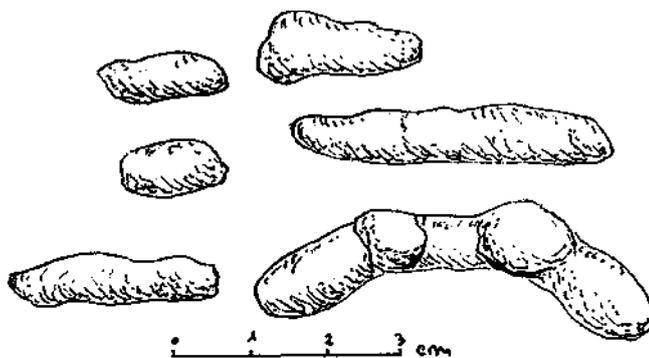
f. 19

B1 - L 1

f.19-  
26



Fig. 14 - Caracterização técnico morfológica da cerâmica tradicional do concheiro de João d'Évora - Quadro I.



Rg. 15 - Representação dos fragmentos metálicos provenientes dos concheiros de João d'Evora.



- *Caesalpinia hondut*: (L.) Floxb. Fig. 16 - Ilustração de *Caesalpinia*

Bondug (Linné) - Sementes "Molucca Brans".